

## **Intervenção do Reitor na sessão de apresentação da criação da Universidade de Bragança e Norte Interior**

Senhor Primeiro-Ministro,

Senhor Ministro da Educação, Ciência e Inovação

Senhores Ministros

Senhoras e Senhores Deputados, Reitores, Presidentes de Câmara e de Assembleias Municipais, autoridades e representantes de instituições, distintos convidados.

Cara Comunidade da Universidade Politécnica de Bragança, amigos,

A decisão que se apresenta nesta sessão solene é um ato de coragem.

Porque fazer justiça nem sempre é fácil. Exige reconhecer o mérito, vencer resistências e assumir a responsabilidade de decidir.

Hoje, o Governo tomou essa responsabilidade. E, em nome da nossa comunidade académica, quero agradecer ao Senhor Primeiro-Ministro, ao Senhor Ministro da Educação, Ciência e Inovação e a todo o Governo a confiança que esta decisão representa.

Confiança numa instituição. Confiança numa região. Confiança na capacidade de construir, a partir do Norte Interior, um projeto universitário com dimensão internacional.

A aspiração universitária de Bragança tem raízes muito antigas.

Em 1561, com o apoio do quinto Duque de Bragança, D. Teodósio I, nascia em Bragança o Colégio do Santo Nome de Jesus. Francisco Rodrigues, historiador da Companhia de Jesus, descreveu assim a ambição do seu patrono:

«O duque tinha desígnios grandiosos. Folgaria de que se lessem no colégio artes e teologia, e se viesse com o tempo a instituir nele uma Universidade muito honrada.»

O colégio seria extinto em 1759, com a expulsão dos jesuítas. Ficou, porém, o testemunho de uma ambição que atravessa os séculos: fazer de Bragança um lugar de conhecimento, de formação e de abertura ao mundo.

Muito mais tarde, a partir de 1983, com a instalação do Instituto Politécnico de Bragança, essa ambição ganhou uma nova expressão.

Quero recordar o Professor Lima Pereira, o Professor Dionísio Gonçalves, o Professor Sobrinho Teixeira e homenagear todos quantos, ao longo de mais de quatro décadas, construíram esta instituição.

O Professor Dionísio Gonçalves, o nosso grande Mestre, repetia uma ideia que se tornou um programa de trabalho: «A Universidade constrói-se por dentro.»

Foi isso que fizemos.

Qualificámos os nossos docentes. Desenvolvemos investigação. Criámos relações de confiança com empresas e instituições. Abrimos as nossas escolas a estudantes de muitos países e levámos os nossos estudantes e investigadores ao encontro do mundo.

Construímos capacidade científica, reconhecimento internacional e uma relação profunda com o território.

E a região acompanhou-nos.

Em outubro de 2000, uma petição com 15 266 assinaturas levou à Assembleia da República a reivindicação da Universidade de Bragança. A Comissão Pró-Universidade, liderada pelo Comendador Engenheiro Jorge Nunes, a quem muito agradeço e homenageio, deu expressão a uma vontade partilhada pela comunidade académica e pela população.

Quero saudar todos os que participaram nesse movimento. E recordar Adriano Moreira, que tanto incentivou a passagem do IPB a Universidade, cuja ligação a esta terra e defesa do conhecimento esclarecido continuam a inspirar-nos.

**Houve expectativas adiadas e promessas que ficaram por cumprir. A comunidade académica respondeu continuando a trabalhar.**

Hoje, o Governo dá uma resposta concreta a essa persistência.

Mas a legitimidade desta decisão assenta também, e decisivamente, naquilo que estamos preparados para fazer a partir de agora.

Senhor Primeiro-Ministro,

Senhor Ministro,

A Universidade de Bragança e Norte Interior — a UNI.B — assume uma missão exigente: contribuir para transformar esta região através do conhecimento.

Queremos que quem chega para estudar encontre razões para ficar. Que quem partiu encontre oportunidades para regressar. E que investigadores,

empreendedores e empresas de qualquer parte do mundo reconheçam neste território um lugar onde vale a pena investir o seu futuro.

O nosso projeto assenta na criação, na atração e na valorização do talento.

Uma universidade profundamente ligada à sua região e plenamente integrada nas redes internacionais de ciência, de formação e de inovação.

Uma universidade que trabalha com as empresas: que identifica problemas, desenvolve soluções, ajuda a criar produtos e serviços e contribui para gerar emprego qualificado.

O nosso Plano Estratégico de Desenvolvimento Institucional organiza esta ambição em três grandes pilares:

1. Talento Global para a Transformação, centrado na atração, desenvolvimento e retenção de estudantes e investigadores,
2. Ciência e Educação com Impacto, orientado para a produção de conhecimento de elevada qualidade e para a formação avançada e profissional, promovendo a articulação entre investigação e educação e a resposta aos grandes desafios sociais;
3. Universidade Transformadora do Território, que afirma a instituição como um agente central de inovação, desenvolvimento e coesão territorial, mobilizando conhecimento, tecnologia e capacidade institucional para gerar impacto económico, social e ambiental.

Assente nestes pilares, a UNI.B propõe um modelo de universidade profundamente integrado no seu contexto territorial, mas simultaneamente aberto ao mundo, capaz de combinar excelência científica, inovação pedagógica e impacto social.

É assim que queremos contribuir para transformar um território de baixa densidade populacional num território de alta densidade de conhecimento e de tecnologia.

Há universidades que demonstraram ser possível transformar regiões afastadas dos grandes centros. Queremos aprender com essas experiências e construir aqui uma resposta própria, à escala das nossas capacidades e da nossa ambição.

Sabemos que esta transformação exige trabalho, recursos, cooperação e continuidade. Assumimos essa responsabilidade.

A nossa comunidade académica já demonstrou que sabe construir. A decisão de hoje permite-nos ampliar essa capacidade e colocá-la ao serviço de uma missão ainda mais exigente.

Termino regressando ao relato de Francisco Rodrigues.

Conta o historiador que os primeiros jesuítas foram recebidos em Bragança com «repiques de sinos, e grande festa e alvoroço da cidade».

Quase cinco séculos depois, compreendemos bem e secundamos esse entusiasmo.

E conta ainda que, em 1563, o provincial escrevia, satisfeito com o trabalho realizado: «De Bragança tenho muito boas novas.»

Senhor Primeiro-Ministro, Senhor Ministro: queremos que, daqui a alguns anos, possam dizer o mesmo.

Boas novas de estudantes que aqui encontraram o seu caminho. De descobertas que chegaram à sociedade. De empresas que cresceram. De pessoas que escolheram ficar. De uma região que se transformou.

Agradecemos a confiança. Assumimos o compromisso.

Vamos construir uma “Universidade muito honrada” — pelo conhecimento que produz, pelas oportunidades que cria e pelo futuro que ajuda a tornar possível.

Muito obrigado.